

Experiências estéticas e tecnologia – possibilidades e potencialidades acerca dos usos e apropriações de *smartphones*

Esthetic experiences and technology – about the possibilities and potential uses and appropriations of smartphones

Graziela Soares Bianchi, Diocsianne Moura

Universidade Tuiuti do Paraná

R. Sydnei Antônio Rangel, 238, Santo Inácio, 82.010-330, Curitiba, PR, Brasil
grazielabianchi@yahoo.com.br, diocky@gmail.com

Resumo. O presente artigo traz reflexões e apontamentos sobre as experiências estéticas no âmbito dos estudos comunicacionais. São pensadas e relacionadas possibilidades e movimentos em processo a partir das apropriações das plataformas móveis, especialmente do *smartphone*, observado, de maneira particular, em seus usos e apropriações por jovens usuários. Baseando-se em autores como Kerckhove (2009), Manovich (2001), Winocur (2009), entre outros, reflete-se sobre a experiência comunicativa no contexto sociocultural da mobilidade e da interação.

Palavras-chave: usos, apropriações, *smartphone*, estética da comunicação, experiência estética.

Abstract. This paper brings reflections and notes on the esthetic experiences in communication studies. Are thoughtful and related possibilities and movements in process from the appropriations of mobile platforms, especially *smartphone*, observed in a particular way, in their uses and appropriations for young users. Based in authors like Kerckhove (2009), Manovich (2001), Winocur (2009), among others, to reflect the communicative experience in the sociocultural context of mobility and interaction.

Key words: uses, appropriation, *smartphone*, esthetics of communication, esthetic experience.

Introdução

Os fenômenos comunicacionais na contemporaneidade possibilitam a proliferação de uma série de aspectos que possuem relação direta à forma com que nos relacionamos com os meios, os objetos, a técnica. Já não é possível dissociar o cotidiano vivido da forte presença de um conjunto de dispositivos que complementam, auxiliam, conduzem atos sociais, culturais, políticos, econômicos. Em tempos em que a velocidade passa a ser um valor, as possibilidades criadas a partir do uso de aparelhos como os *smartphones* se tornam necessidades reais. E no âmbito desse contexto múltiplo, de apropriações configuradas a partir da utilização deste dispositivo, diferentes abordagens

podem ser empreendidas no sentido de compreender os recursos comunicativos sugeridos e os movimentos realizados a partir dessa realidade vivida e mediada pelo uso da comunicação em relação direta com a mobilidade.

Uma abordagem possível, e que estará presente no desenvolvimento deste trabalho, relaciona o questionamento que se ocupa em refletir sobre o *smartphone* a partir de um ponto de vista que considera a estética da comunicação como possibilidade de análise de fenômenos comunicacionais que trazem a mobilidade como uma perspectiva. Tal direcionamento busca apoio no entendimento de contextos socioculturais, olhando para seus aspectos de impacto, de usos ou da existência de sua presença subjetiva no cotidiano dos sujeitos.

Nesse aspecto, busca-se refletir sobre as experiências e sensorialidades estéticas possíveis nos mais diversos espaços de troca simbólica, sugerindo que as apropriações das plataformas móveis, como o *smartphone*, especialmente por parte dos jovens, seja um destes espaços geradores de experiências sensoriais. Pois, como expõe Jenkins, o aparato tecnológico poderá ou não favorecer interações. “Cada um de nós constrói a própria mitologia pessoal, a partir de pedaços e fragmentos de informações extraídos de fluxos midiáticos e transformados em recursos através dos quais compreendemos nossa vida cotidiana” (2008, p. 28).

A escolha por voltar o olhar para a experiência estética em relação com a tecnologia móvel deu-se também por conta da expressiva difusão das ditas novas tecnologias e novas mídias na era da mobilidade – com acesso ao ciberespaço, à internet, na qual acontecem usos e apropriações com impacto direto às experiências estéticas, no universo da arte e da cultura – no online e no off-line. Tais experiências vêm reforçando o postulado de Kerckhove (2009), de que o ciberespaço acabou sendo um lugar de possibilidades para os “corpos”, abordando as sensorialidades das experiências neste lugar, sendo:

“[...] a comunicação como uma relação de natureza social, em imbricamento com o lugar onde ela se dá, com a história daquela sociedade, com os mecanismos de constituição das visões de mundo daquele espaço social, com os modelos mais interiores de percepção de um mundo igualmente social ou de uma sociabilidade mais abrangente que visualiza um processo complexo, estamos enfatizando que esta relação perpassa vários saberes, mas que possui uma forma de olhar que lhe é peculiar” (Barbosa, 2002, p. 74).

A estética, aqui entendida a partir da contribuição de Shuler, a qual, no sentido etimológico, “é a ciência do sentimento”, do sentir, e cujo “valor estético corresponde, na realidade, a dados qualitativos e psicológicos das representações, ligados a critérios particulares do ‘belo’ e do ‘agradável’”. A particularidade desses critérios apresenta diversos graus. Pode-se pensar em critérios individuais de beleza, como é possível também, e mais facilmente, acender a critérios culturais, mais comuns a grupos específicos de receptores” (2004, p. 87). Ou, como a:

(...) estética tem a ver com o potencial que algo, qualquer fenômeno que se apresenta a nós, possui

para acionar nossa rede de percepções sensíveis, regenerando e tornando mais sutil nossa capacidade de apreensão das qualidades daquilo que se faz presente aos sentidos (Santaella, 2008, p.35).

Por conta de critérios culturais e sensoriais, a estética, como analisada por Kerckhove (2009), traz as características da causa e efeito, e, de forma mais evidente, a qualidade dos efeitos das relações dos contatos, nos efeitos de significação. Ao tocar no assunto do efeito, outros questionamentos surgem, tais como: o que define o dispositivo móvel, ou seu uso e apropriação como sendo algo do campo estético? Seu *design* ou a informação que está agregada a ele?

Tomando como base a obra *Filosofia da Caixa Preta*, de Vilém Flusser, é possível traçar um paralelo entre o conceito da experiência estética que ele relacionou à máquina fotográfica e olhar para o *smartphone* – já que o autor reflete sobre o comportamento dos sujeitos em relação aos aparelhos e o resultado de tal experiência relacional – haja vista que os dispositivos nascem de uma programação feita pelo próprio homem, usuário da tecnologia. Na reflexão de Flusser, a mediação de aparelhos de codificação vêm à tona e está relacionada ao conceito de mundo dos indivíduos:

A mais importante característica das imagens técnicas, segundo Flusser, é o fato delas materializarem determinados conceitos a respeito do mundo, justamente os conceitos que nortearam a construção dos aparelhos que lhes dão forma. Assim, a fotografia, muito ao contrário de registrar automaticamente impressões do mundo físico, transcodifica determinadas teorias científicas em imagem, ou para usar as palavras do próprio Flusser, “transforma conceitos em cenas” (Flusser, 1985, p.45, in. Machado, 1999, p. 2)

Nesta reflexão, o dispositivo é compreendido do mesmo modo como ocorreu nos anos 1980, como instrumentos que pertencem à dimensão do saber fazer: um canal que transmitia informação. Esse conceito é reforçado por McLuhan, em sua observação sobre as características primordiais dos novos dispositivos de comunicação, tais como: “(...) es su capacidad para borrar las barreras entre los medios y contaminarlos entre sí. Los medios digitales también habrían disuelto los límites entre las máquinas de reproducción y las de diseminación” (McLuhan, 2004, p. 2, in. Scolari, 2008, p. 73).

Assim como a máquina fotográfica, analisada por Flusser, o *smartphone* possui programas

(*softwares, apps*) e um conjunto de mecanismos capaz de registrar, armazenar e reproduzir as imagens, de modo que o usuário deste dispositivo, ao avistar o objeto que irá fotografar ou filmar – seja pessoa ou paisagem – baseia-se em uma imagem prévia construída em sua mente, fazendo com que o dispositivo de registro (o *smartphone*) capture e transforme a imagem desejada a partir dos recursos técnicos existentes nele. E a experiência estética neste contexto seria mais complexa à medida que o programa ou recurso existente exigisse do usuário, pois ele teria que explorar todas as potencialidades dos programas instalados no aparelho. Ou seja, para uma experiência estética com o *smartphone*, não basta existir programas, *softwares* e *apps*, se o olhar do usuário não possuir o componente estético para aquilo que ele deseja registrar.

São inúmeras as possibilidades do uso do *smartphone* e sua observação/consideração a partir de experiências estéticas, assim como aconteceu com o uso da máquina fotográfica, à qual, os usos de seus programas são infinitos. Pois, como coloca Arlindo Machado (1999), em 150 anos de existência da fotografia ainda não se conseguiu atingir o limite das potencialidades existentes nas máquinas fotográficas. Da mesma forma, podemos pensar nas possibilidades oferecidas a partir dos dispositivos móveis.

Novo dispositivo, novas experiências estéticas

De acordo com Santaella: “Quando novos meios surgem, seus potenciais usos, ainda desconhecidos, precisam ser explorados” (2008, p. 35-36). Assim, a tecnologia de ponta aplicada aos *smartphones* – que a cada dia mais o consolida como ‘um meio de extensão do homem’, conforme preconizado por McLuhan (2006) – acaba por colocá-lo como objeto de questionamentos e pesquisas também no campo da estética, ou da experiência estética.

Outro aspecto desta tecnologia está em sua característica de ser uma interface de acesso à informação, conteúdo, experiências. Com isso, o *smartphone* passa a ter outra função, de objeto de pesquisa, valorizado por este elemento-chave, citado por Santaella (2008). Esta, serve de base

para uma para uma análise do *smartphone* como dispositivo a partir do qual os jovens, principalmente, podem ter experiências estéticas e realizar processos dialógicos e inter-relacionais nos grupos em que estão inseridos. Isso ocorre por meio da utilização da cognição, do tato, que lhe permitem uma aproximação com o real. Neste aspecto, Kerckhove (2009) contribui com seu olhar sobre o ciberespaço e o acesso a ele, abordando as relações que são proporcionadas a partir disso: os efeitos de interação, sejam interiores, exteriores ou interativos. Tais possibilidades nos levam, segundo ele, a várias experiências e uma delas é o retorno à cultura primitiva da ‘participação’, da ‘partilha’.

O pensar de Kerckhove reforça a fala de Flusser de que “(...) o homem comunica-se com os outros; é um ‘animal político’, não pelo fato de ser um animal social, mas sim porque é um animal solitário, incapaz de viver na solidão” (2007, p. 91). Com isso, ele decodificou a ‘solidão social’, o que, em se tratando de comunicação no contexto do ciberespaço parece ser bem real na atualidade. Além disso, sua abordagem reforça a busca dos indivíduos ao relacionamento coletivo, mesmo que atualmente isso acontece em grau maior no ambiente virtual.

Cabe ressaltar que os jovens passam a ter o uso desse dispositivo observado por conta de sua facilidade com o trato junto às novas tecnologias móveis, e claro, de sua busca por uma identidade social. Eles utilizam os recursos e ferramentas do dispositivo de modo intenso e ágil, também em função de terem nascido praticamente no mesmo momento em que essa tecnologia era inserida na sociedade, além de acompanharem e se adaptarem com maior facilidade e avidez a sua rápida evolução.

Entre os fatores que impulsionam o uso de *smartphones* pelos adolescentes em suas interações sociais está a tendência da tecnologia pessoal, que se exacerbou recentemente e a partir da qual esses dispositivos se proliferaram. E ao que parece, a disponibilidade em diversos modelos, com conexão à internet via *Wi-Fi*¹ e *3G*² e uma infinidade de funções, tem influenciado, cada vez mais, para que o *smartphone* esteja na lista de itens de ‘sonho de consumo’ dos adolescentes, ávidos por novidades.

¹ Termo licenciado pela Wi-Fi Alliance para explicar as redes sem fio baseadas no padrão IEEE 802.11. Ou seja, uma tecnologia que permite a conexão entre vários dispositivos sem fio. Disponível em: <http://tecmundo.com.br/197-o-que-e-wi-fi-.htm#xzz1VgdhCcHJ>

² Tecnologia móvel que permite ao usuário navegar na internet em alta velocidade sem a utilização de fios. Pode ser utilizada através de modem (para computadores e notebooks) ou por celulares, *smartphones* e *tablets*. Disponível em: <http://tecmundo.com.br/226-o-que-e-3g-.htm#ixzz1Vgh6iRXk>

Entre os recursos e características que chamam a atenção – em termos de conteúdo, informação e interatividade – e podem ser utilizados, até mesmo de modo gratuito, está o acesso à internet remota em qualquer lugar do planeta, a possibilidade de baixar músicas em mp3, ouvir rádio, assistir TV, assistir e produzir filmes, gravar voz, tirar fotos, receber e-mails, enviar mensagens de texto e multimídia, entre tantas outras possibilidades.

Lev Manovich (2001) traz seu olhar sobre a interação entre o usuário e o dispositivo, agregando nesta reflexão algumas perspectivas sobre a naturalidade desta relação: pensando que os usuários do *smartphone* o utilizam de modo natural, nem sempre completamente consciente – pode-se dizer que a interação existente é realmente de cunho estético sensorial e inconsciente, isso porque não exige um saber técnico aprimorado do usuário. É uma interação da ordem do sensível, não apenas da informação, o que proporciona que até mesmo o leigo teria acesso a esta experiência estética, seja ela entre usuário-dispositivo ou usuário-usuário, levando ao entendimento do que Landowski chamou de contágio:

É preciso que alguma coisa passe de um sujeito ao outro para que haja “interação” entre eles. É isso que reconhecemos ao dizer que o tipo de contágio que nos interessa pressupõe, na falta de causas ou de razões, a presença de um sujeito para o outro. Estar presente no outrem, já é comunicar, mesmo que alguém do plano cognitivo (Landowski, 2005, p. 24).

Para o autor, os dispositivos aparecem como formas simbólicas que se colocam ao destinatário de modo a ser conhecido: seriam uma decodificação e não uma representação do real. Os dispositivos ajudam os usuários no modo de perceber e representar o mundo. São formas simbólicas passíveis de serem reconhecidas, ou seja, trazem ao usuário a possibilidade do “processo de reconhecimento” das figuras concretas do mundo.

Novas tecnologias, novas experiências

Outro aspecto das estéticas tecnológicas está no campo da ‘produção’ de ‘arte’: aos artistas fica o desafio de criar, produzir, pensando nos consumidores destas novas tecnologias, pensar novas alternativas de atingir as sensorialidades dos sujeitos consumidores de arte e cultura. Pois segundo Santaella, “(...)

o outro desafio do artista que é o de enfrentar a resistência ainda brutos dos materiais e meios do seu próprio tempo, para encontrar a linguagem que lhes é própria, reinaugurando as linguagens da arte” (2008, p. 29). Isso porque, cada vez mais, surgem novos artistas, de uma geração que sabe explorar essas novas tecnologias, ambientes de representação do mundo, que trazem formas simbólicas passíveis de serem reconhecidas, principalmente, por sua mesma geração: jovens se reconhecem em suas artes, em suas experiências no ciberespaço. Assim como exposto por Talon-Hugon: “(...) existe uma sensibilidade estética concreta e a experiência da fruição estética não é uma invenção da modernidade, mas a filosofia convida a desviarmo-nos dela em proveito de finalidades mais nobres e de satisfações de outra ordem” (2009, p. 19). Esse movimento permitiria, segundo a autora, a compreensão da ausência de temas que virão a tornar-se “temas estéticos” por excelência, tais como “o prazer estético” ou o “julgamento de gosto”, revelando assim que, a experiência estética se apresenta de modo muito maior aos nossos pensamentos do que nas experiências cotidianas vulgares.

Em relação à essa presença da estética e a arte e a cultura, Santaella chama a atenção para os estudos contemporâneos, que trazem à tona questões fundamentais a serem refletidas:

(...) 1. a ruptura com a ideia da forma fixa e peregrina; 2. a incorporação da dimensão do tempo, mais particularmente do tempo real na construção da obra; 3. A incorporação da ideia de relação, isto é, de um fluxo de comunicação e informação que se estabelece entre os agentes que compõem a obra (seja uma relação entre pessoas, como nos trabalhos colaborativos, seja uma relação humano-máquina) (Santaella, 2008, p. 30).

É possível pensar que por meio da experiência com a mediação as ações dos sujeitos no processo comunicacional ganham significados e permitem uma participação formadora de uma identidade e reconhecimento social. Neste aspecto, as apropriações feitas pelos indivíduos com relação às plataformas móveis caberiam como objeto de reflexão na comunicação, na estética e em sua experiência estética. Tendo em vista que, “(...) uma estética que fosse apenas uma artística só exploraria uma parte do campo que exige a sua reflexão: além da arte, ainda há um imenso domínio do sensível, do sentido e do sentido, da sensorialidade e da sensibilidade (...)” (2009, p. 99).

Os significados criados a partir do uso destes dispositivos ganham dimensões transformadoras na construção da realidade. Essa interação do sujeito com um aspecto da realidade e da estética proporciona a construção de novas realidades a partir de uma experiência: com a mediação, como esclarecido por Silverstone, para o qual essa “experiência” é ampla na vida do sujeito. Com a estética, como coloca Manovich (2001), por meio da interação entre indivíduo e dispositivos. Acontece entre corpo e mente, através dos discursos, das histórias, das interlocuções, produzindo e reproduzindo a vida social em uma rede de significados, na construção de sentidos e na escolha de ações: “A mediação enfim, ‘não começa nem termina com um texto singular’: ela se expande, se multiplica, se dissemina, até alcançar a leitura e o leitor, que se engaja ativamente na produção de sentido” (2002, p. 33).

A “Experiência”, no ponto de vista de Leal e Guimarães, é o resultado da interação entre a criatura viva e algum aspecto do mundo em que ele vive, posto por John Dewey, para o qual “a ‘Experiência’ [...] está implicada na condições e dimensões concretas da relação do indivíduo com o ambiente e, consequentemente, não pode ser caracterizada por outro aspecto exclusivamente” (2008, p. 5). Ou seja, na sociedade dos meios e na sociedade em vias de midiaticização, o sujeito está plenamente conectado com o seu ambiente, sendo ele, além de produtor, receptor de conteúdos e gerador de significados. Dele, a “[...] a ‘Experiência’ exige a mobilização sensorial e fisiológica do corpo humano; ela é uma atividade prática, intelectual e emocional; é um ato de percepção e, portanto, envolve interpretação, repertório, padrões; existe sempre em função de um ‘objeto’, cuja materialidade, condições de aparição e de circunscrição histórica e social não são indiferentes” (2008, p. 5-6).

Além da presença da “Experiência” com o uso do *smartphones*, que expõe uma sociedade em constante transformação no que tange aos processos e modelos comunicacionais, outro ponto que coloca as apropriações das tecnologias móveis pelos adolescentes como foco nos estudos da Comunicação – Estética da Comunicação ou da Experiência Estética – está no contexto da extensão do espaço de fluxos e de tempo atemporal nas estruturas da atual

vida em sociedade, disseminando práticas sociais em múltiplos lugares e a criação de novos espaços de interações entre indivíduos, conforme destacado por Castells: “Dado que esta comunicación móvil cambia continuamente de referente espacial, el espacio de interacción se define completamente en términos de flujos de comunicación. La gente está aquí y allá, en múltiples aquí y allá, en una combinación incesante de lugares” (2007, p. 268).

Entre os aspectos interessantes aos estudos comunicacionais está a consideração de que o meio permite e controla o nível de interferência sobre as ações humanas, como expõe Wino-cur (2009) em sua fala sobre o celular na perspectiva de área intermediária de experiência. De acordo com ela, os jovens usam a internet e plataformas móveis, como espaços de inclusão ou simbólico, onde podem desenvolver estratégias. São esses os novos espaços nos quais eles adquirem o poder de instituições tradicionais até então negada a eles. E nesses novos espaços eles concretizam o seu potencial de ser e de fazer e sentem-se inclusos socialmente. Além disso, a internet utilizada por meio dos *smartphones* serve para gerar vínculos entre os jovens e seus grupos de interesse. O conteúdo é adquirido através da interação na internet irá estabelecer hierarquias de conhecimento, durante a dinâmica da interação face a face e isso alteraria a percepção de solidão e isolamento dos adolescentes. Com isso, os jovens deixam claro que o desejo de pertencer à sociedade não desapareceu, mas o significado e a forma como querem estar inseridos foram modificados. “Las comunidades virtuales, las redes sociales online y el celular, se han legitimado, particularmente entre los jóvenes, como nuevas formas de inclusión social. En el fondo se trata de una batalla por forjar una identidad cuyo signo más distintivo es garantizar la visibilidad y el reconocimiento en el mundo de sus vínculos sociales” (2009, p. 69).

O *smartphone* tem em sua proposta oferecer experiências que vão além de suas funcionalidades, indo inclusive pelo caminho da “disfunção”. Um exemplo recente é o ‘Pop Phone’³, uma peça retrô inventada pelo francês David Turpin. O aparelho funciona exatamente como um telefone antigo, mas com auto falante e microfone, e traz, em todo seu aspecto, *design* e funcionalidades que permitem a possibilidade

³ Acessório que simula o alto-falante de um telefone antigo e pode ser acoplado em celulares, computadores e tablets para ser usado como fone de ouvido, no estilo vintage. Disponível em: <http://www.techtodo.com.br/curiosidades/noticia/2012/03/o-que-e-pop-phone.html>

de se viver sensações de épocas e estilos do passado, como, neste caso, o *vintage*. Isso ocorre por meio de recursos variados.

Considerações finais

A partir das reflexões tecidas nesse breve espaço, é possível perceber que abrir discussões e reflexões sobre a temática da mobilidade e o uso de dispositivos como o *smartphone* no âmbito dos estudos comunicacionais e estéticos pode ser um bom caminho a percorrer para que se chegue à compreensão de alguns aspectos que dizem respeito às relações entre indivíduos, tecnologias e o contexto da convergência no campo comunicacional, da arte e da cultura, visto que ainda há muito a ser refletido para a compreensão deste aspecto vital para a evolução histórico-cultural-social e comunicacional das sociedades.

Assim, torna-se relevante trazer olhares que direcionem para uma perspectiva mais abrangente acerca dos estudos desde a Estética da Comunicação, quanto ao impacto do uso das tecnologias móveis no campo cultural e social, às interações entre os jovens com a chegada da mobilidade e aos novos espaços simbólicos de troca. Afinal, a qualidade estética das experiências que estes jovens têm vivenciado é da ordem do sensível e não apenas da informação, o que leva à busca da compreensão mais abrangente diante das diversas formas de interação do indivíduo com o mundo e as possibilidades técnicas que o cercam.

A discussão não se encerra aqui. Neste trabalho, foi trazida apenas parte dos aspectos que merecem discussão e reflexão acerca das imbricações entre jovens, usos de *smartphones* e as possibilidades que se vislumbram nesse processo. Foi possível perceber, a partir da contribuição de diferentes autores que abordam as temáticas em discussão, sob diferentes vieses, que um horizonte de novas abordagens se vislumbra em função de elementos novos presentes nos processos comunicacionais, bem como em sua relação com aspectos já existentes e em operação. Espera-se que outras possibilidades interpretativas tenham cada vez mais espaço e possam contribuir com a reflexão geral acerca das práticas abordadas e discutidas nesse artigo.

Referências

BARBOSA, M. 2002. Paradigmas de construção do campo comunicacional. In: M.H. WEBER; I.

- BENTZ; A. HOHLFELDT. (Org.). *Tensões e objetos da pesquisa em comunicação*. 1ed. Porto Alegre, Sulina, p. 73-79.
- CASTELLS, M.; FERNÁNDEZ-ARDEVOL, M.; GALPERIN, H.; AGÜERO, A. 2007. *Comunicación móvil y sociedad: una perspectiva global*. Barcelona, Ariel/Fundación Telefónica, 475 p.
- FLUSSER, V. 2007. *O mundo codificado*. Por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo, Editora Cosac Naif, 222 p.
- KERCKHOVE, D. de. 2009. *A pele da cultura: investigando a nova realidade eletrônica*. São Paulo, Anablume, 250 p.
- LANDOWSKI, E. 2005. Para uma semiótica do sensível. *Educação & Realidade*, 30(2):93-106. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/12417/7347>
- LANDOWSKI, E. 2005. Passions san nom. In: E. LANDOWSKI. *Documentos de Estudo do Centro de Pesquisas Sociosemióticas*. São Paulo, Edições CPS, 54 p.
- LEAL, B.S.; GUIMARÃES, C. 2008. Experiência estética e experiência mediada. In *Texto*, 2:1-14. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/7998/4765>
- MACHADO, A. 1999. Repensando Flusser e as Imagens Técnicas. *Revista de Comunicação e Linguagens*, 25/26:31-45.
- MANOVICH, L. 2001. *The Language of New Media*. Cambridge/Londres, MIT Press, 307 p.
- MCLUHAN, M. 2006. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo, Cultrix, 407 p.
- SANTAELLA, L.A. 2008. Estética das linguagens líquidas. In: L. SANTAELLA; P. ARANTES (Orgs.). *Estéticas tecnológicas: novos modos de sentir*. São Paulo, Educ, p.35-53.
- SCOLARI, C. 2008. *Hipermediaciones: Elementos para una Teoría de La Comunicacion Digital Interactiva*. Barcelona, Gedisa Editorial, 317 p.
- SHULER, M. 2004. *Comunicação Estratégica*. São Paulo, Atlas, 141 p.
- SILVERSTONE, R. 2002. *Por que estudar a mídia?* São Paulo, Loyola, 12 p.
- TALON-HUGON, C. 2009. *A estética: história e teorias*. Lisboa, Texto e Grafia, 105 p.
- WINOCUR, R. 2009. *Robinson Crusoe ya tiene celular: la conexión como espacio de control de la incertidumbre*. México, Siglo XX, Universidad Autónoma Metropolitana, Unidad Iztapalapa, 167 p.

Submetido: 27/03/2013

Aceito: 10/04/2013